

INDÍCIOS DE AUTORIA EM TEXTOS DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Leônia Garcia Costa Carvalho¹

Flávia Oliveira Freitas²

RESUMO: Este estudo teve como objetivo analisar textos produzidos por estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual do município de Aracaju-Se, procurando investigar vestígios de subjetividade e singularidades neles presentes, avaliados como indícios de autoria. Como referenciais teóricos, recorremos a Foucault, Orlandi, Possenti, entre outros, que se posicionaram sobre a questão. Na análise das produções textuais, além dos pressupostos dos autores citados, também nos orientamos pelo paradigma indiciário de Guinzburg. Os resultados da análise nos revelaram não apenas marcas resultantes de escolhas lexicais, sintáticas e discursivas, mas singularidades que foram interpretadas como indícios de autoria.

PALAVRAS-CHAVE: Indícios de autoria. Produção textual. Análise de textos. Ensino fundamental.

ABSTRACT: This work has the objective of analyze texts written by students of seventh grade of the fundamental education, of a public state school, situated in Aracaju city, identifying in them traces of subjectivities and singularities that work as authorship evidence. As theoretical references, works of Foucault, Orlandi, Possenti and others were used, who reflected about the authorship. In addition to the assumptions of the cited authors, it was also considered the Ginzburg's indiciary paradigm. The results revealed not only remarkable signs of lexical, syntactic and discursive choices, but singularities that were interpreted as evidence of authorship.

KEYWORDS: Authorship evidence. Textual production. Text analysis. Fundamental education.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, tomou-se como objeto de estudo a singularidade, os indícios de autoria presentes em textos de alunos do ensino fundamental de uma escola da rede pública. Partiu-se do fato de que cada estudante tem identidade própria, vive sob determinado contexto histórico-social, tem seu próprio modo de

¹ Profa. da Universidade Federal de Sergipe, do PPGL e do PROFILETRAS, líder do Grupo de Estudos em Linguagem e Ensino (GELINE)

² Profa. Do IFES-Se, Mestra em Linguística pelo PPGL (membro do GELINE)

perceber o mundo a seu redor, de apreendê-lo e de escrever sobre ele, tornando-se, portanto, único.

A ideia de singularidade partiu das constantes observações em sala de aula, como docentes com experiência de vários anos em escola pública, ouvindo dos demais colegas, professores de língua portuguesa e de outras disciplinas, que o “estudante não sabia escrever”. Na realidade, eles se norteavam pela ideia de que, para escrever bem, bastava conhecer a norma padrão, ideia bastante difundida nas instituições escolares e na sociedade.

Enfatizou-se a escrita por dois motivos: primeiro por discordar das opiniões dos colegas, segundo por ter a possibilidade de coletar, reunir e analisar as produções textuais de estudantes do ensino fundamental de uma escola pública estadual de Sergipe. O objetivo geral dessa investigação foi o de verificar se, nos textos dos discentes, havia ou não indícios de singularidade e entender como se dava o processo de formação da autoria. Optou-se por utilizar o termo “autoria” porque diz respeito ao momento em que o sujeito assume o lugar do locutor, ou seja, de alguém que enuncia, que realiza escolhas lexicais, que organiza suas ideias e sua linguagem em função de sua produção textual.

Para o docente-pesquisador, é interessante observar essas questões e, ao mesmo tempo, investigar que singularidades o texto apresenta para que lhe possa ser atribuída a autoria. Com esse intuito, foram feitos os seguintes questionamentos: Sob quais circunstâncias os discentes o produziram? Qual tema lhes foi proposto? Que leituras serviram de fundamento à produção? Que orientações receberam do professor? O que eles apresentam de singular em suas produções textuais? É possível considerá-los autores de seus textos?

A pesquisa baseou-se em estudos de Foucault (2009), Orlandi (2012) e Possenti (2008) sobre autoria, a fim de se entender melhor o princípio do autor. Na análise do *corpus*, buscou-se orientações, também, do paradigma indiciário de Guinzburg, que se volta ao estudo dos detalhes, dos vestígios ou marcas que nos conduzam a traços de subjetividade e singularidade presentes, explícita ou implicitamente, na materialidade linguística dos textos produzidos pelos alunos.

Dessa forma, tentamos analisar todos os elementos que ligam os discentes a seu próprio texto, demonstrando sua subjetividade e características próprias que os levam a ser considerados autores. Tais características ou marcas, sem dúvida, decorrem não somente das condições de produção dos textos, mas da

forma como eles escrevem e, também, de como se incluem no próprio texto, ao fazer suas escolhas em relação ao léxico, aos recursos gramaticais utilizados, à estrutura, à organização etc.

Na análise de textos, o conhecimento do paradigma indiciário foi fundamental ao reconhecimento de elementos indiciais muitas vezes despercebidos ou desconsiderados pelo analista, que aparentemente não apresentam muita relevância, mas ajudam a desvendar o que se encontra nas entrelinhas de forma implícita, o que foi esquecido ou não dito por algum motivo. Nesse caso, o paradigma indiciário procura buscar as pistas para entender o porquê da escolha de certas palavras, de uma sentença ser escrita de uma forma e não de outra, quais sentidos ela produz, sendo imprescindível a aproximação do observador com a obra estudada para ir além da mera aparência e tentar penetrar-lhe na essência.

AUTORIA

Foucault (2009), em sua obra, afirma que os discursos são controlados em uma sociedade e isso é realizado por meio de dois tipos de procedimentos: os externos e os internos. Os procedimentos externos, ou seja, de exclusão de um discurso, dizem respeito ao poder, à vontade de ter poder, e ao desejo de alcançar algo que o sujeito tem. Há três situações que indicam tais exclusões: a primeira delas é a interdição (não se pode falar tudo em qualquer circunstância), a segunda refere-se à separação e à rejeição (exclui-se e rejeita-se o diferente, o que contraria), a terceira refere-se à “vontade de verdade”, conduzida pelos sábios de outrora e “pelo modo com é aplicado em uma sociedade” (FOUCAULT, 2009, pp. 14-17). Quanto aos procedimentos internos, ou seja, aqueles produzidos pelos próprios discursos, esses se preocupam com sua classificação, ordenação, com o acontecimento e com o acaso. É exatamente nesses últimos processos que Foucault aborda seu conceito de autor.

Ao falar sobre autoria, Foucault (2009) reporta-se ao autor como um sujeito que organiza uma dispersão controlando seu discurso, sabendo o que pode ou não ser dito. Considera ele o autor “como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (p. 30). O autor consiste, portanto, em uma função discursiva, assumindo o que diz como seu ao organizar o que existe. Na literatura, “O autor é aquele que dá à inquietante

linguagem da ficção, suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT, 2009, p. 26-28).

Ao conceito de autor como o fundador de um discurso, falando ou escrevendo a partir de um determinado lugar, não lugar físico, mas o espaço social que ocupa, Foucault (2009) chama de “função-autor”.

Orlandi (2012, p. 73) corrobora com Foucault, ao dizer que a noção de autoria “implica em disciplina, organização, unidade”. É como se o sujeito fosse alguém disperso, afetado por diversas ideologias, diversas histórias, diversas formações discursivas e, para tornar-se autor, ele organiza toda essa dispersão, ele se insere na cultura, assume uma posição na sociedade, assumindo o que diz e como diz. Ainda, de acordo com Orlandi (2012), o autor se coloca como a origem do que diz; é como se o homem, ser humano, se transformasse em sujeito, aquele que realiza algo diante de uma conjuntura histórica e social: “essa projeção-material transforma a situação social (empírica) em posição – sujeito (discursiva)” (ORLANDI, 2012, p. 99).

A função-autor se instaura na medida em que o produtor da linguagem assume a “origem” daquilo que se diz/escreve e estabelece subjetiva e ilusoriamente a unidade, coerência, não contradição e fim de um texto. Em outras palavras, o “autor”, para esta abordagem teórica, não poderia ser entendido como um indivíduo que escreve um texto, mas uma posição (lugar social) em que se coloca (ou é colocado?) o sujeito do discurso (ORLANDI, 2012, p. 13).

O autor, portanto, é o responsável por questões que estão além do texto. Ele conhece bem suas características, tem domínio sobre elas e é por isso que o autor não pode ser qualquer um; são essas as características que o diferenciam de uma pessoa que escreve. Ele apresenta em seus escritos um caráter intransitivo, singular, a capacidade de reformular elementos da realidade, além de apropriar-se de determinado discurso, agindo sobre ele tendo-o como exclusivo, sabendo divulgá-lo.

Contrariando a visão de autor como origem daquilo que diz, Possenti (2009), baseado nas teorias de Bakhtin, defende que o autor, para ser considerado de tal forma, precisa marcar seu texto diante do que já existe, tornando-o diferente, deixando claro que tem um estilo e se destaca por utilizá-lo. Assim sendo, “O estilo é o lugar típico da manifestação da subjetividade no discurso” (POSSENTI, 2008, p.

137); e cada autor, por ser um sujeito histórico, por ter subjetividade, tem um estilo próprio, sua forma individual de escrever, de se expressar, optando por um termo e não outro, escolhendo um ou outro personagem, tecendo um enredo de acordo com determinado contexto, enfim, escrevendo.

Ele compatibiliza três conceitos entre si e com a Análise do Discurso: a Enunciação, a Autoria e o Estilo. A enunciação, Possenti considera um “acontecimento irrepetível, marcado eventualmente por algum traço “pessoal”, a ser tratado possivelmente no domínio que se tem chamado, em mais de um lugar, de singularidade” (POSSENTI, 2008, p. 91), ou seja, a enunciação remete ao momento único em que falamos, considerado dessa forma porque, mesmo ao repetir o que dissemos anteriormente, o momento já passou, não volta e, portanto, não há como ser igual. Muda-se a forma de dizer, assim como também o ouvinte muda a sua forma de ouvir. Trata-se de como isso é feito e, por isso mesmo, representa um momento ímpar.

Quanto à autoria, essa está relacionada a muito além da simples escolha de personagens; ela indica a posição assumida pelo enunciador ao realizar a escolha de palavras que possam ser substituídas por outras de sentido equivalente, ou seja, é a condição do sujeito recorrer à polissemia, assim como representa a escolha do autor por conteúdos implícitos, aqueles que normalmente estão “relacionados a determinadas circunstâncias (por causa dos hábitos, das regras, de uma memória etc.)” (POSSENTI, 2008, p. 53). Para este estudioso, o autor exerce uma função histórica.

Já o estilo não reflete apenas a realização de escolhas, não se trata da característica de optar por uma coisa e não outra, muito menos representa um ato de liberdade, é um “efeito de inscrição” seja ela genérica, social ou discursiva, que afeta o autor. O estilo atualmente é considerado um desvio, decorrente talvez de uma escolha diante de uma “multiplicidade de recursos” em relação a uma linguagem (POSSENTI, 2008, pp. 92-93).

De acordo com Possenti (2009), o autor enuncia de um lugar social muito bem definido, com temas relevantes, não somente para ele como para a sociedade em geral. É o sujeito que escreve sob condições de produção específicas, com elementos que fazem parte da “memória social”. Tais condições de produção estão relacionadas ao contexto histórico, ao modo como ele enuncia, a sua forma peculiar de estar presente no texto. Seu conceito de autoria “tem a ver com os conceitos de

locutor (expressão que designa o “falante” enquanto responsável pelo que diz) e com o de singularidade (na medida em que, de algum modo, chama a atenção para uma forma um tanto peculiar de o autor estar presente no texto” (POSSENTI, 2009, p. 99-104).

A noção de autor está intrinsecamente ligada à noção de singularidade, que são os vestígios de cada um, são marcas aparentes no discurso que o identificam como autor; essa noção também deve estar ligada à historicidade, abordando eventos e temas que tenham sentido. O sujeito só se torna autor quando assume a atitude de dar a voz a outros enunciadores, incorporando-os ao seu discurso. Mesmo recorrendo a outros discursos, ele atua como se desafiasse o leitor, e, apesar de os discursos serem pertencentes a uma comunidade cultural, o autor se manifesta, apresenta-se quando enuncia de modo diferente, do seu jeito, é o “como” (POSSENTI, 2009, p.112); quando mantém distâncias em relação ao próprio texto, quando ele evita a repetição.

O autor enuncia a partir de uma posição social, a mantém em relação ao que diz e em relação a seus interlocutores, a quem ele se dirige e, por mais que o seu tema, o seu assunto seja algo debatido, lido, visto anteriormente, atingirá o *status* de autor de acordo com o modo que realiza essa enunciação, o modo como escreve.

Calil (1998, p. 48) também remete a Foucault e a Orlandi quando se refere à autoria e à escrita, observando na textualização “as tensões entre unidade e dispersão na relação entre os sujeitos, suas condições de produção e a forma como afetam os sujeitos”. Dessa forma, o autor é o sujeito que organiza seu texto mediante determinadas condições de produção, atribuindo um “corpo” a uma certa posição discursiva, ou seja, a posição discursiva assumida por ele.

É por meio da enunciação que este autor faz o “movimento de volta sobre o que já havia sido escrito e de ida sobre as possibilidades de direção da história” (CALIL, 1998, p. 49), organizando a dispersão, não sendo contraditório, coerente e produzindo um efeito de sentido sobre aquilo que escreve. Assim, o texto ganha sentido por meio das relações entre “sujeito e sentido, produzindo tensões entre os textos (intertextualização), o já-dito e suas filiações sócio-historicamente determinadas” (CALIL, 1998, 52).

Dessa forma, para Calil (1998, p. 24), a autoria “trata-se de uma função enunciativa que garante para o ato de fala sobre o texto um abrigo de singularidade”,

ou seja, o sujeito, ao escrever um texto, realiza uma série de associações, dando-lhes sentido, escrevendo, tecendo comentários e mesmo rasuras que o validam, conferindo-lhe uma característica literária que demonstra sua singularidade. É como se o sujeito possuísse “a qualidade incondicional e relativamente autônoma do desejo e do estilo da escritura” (CALIL, 2007, p. 31). Assim, “[...] o essencial é mostrar que tanto quando se cala, quanto quando fala, a presença de quem escreve, seja criando ou comentando textos, só se dá pelo corpo da escrita” (CALIL, 2007, p. 32).

Recorrendo ao paradigma indiciário de Ginsburg, Possenti (2012, p. 111) afirma que “as verdadeiras marcas da autoria são da ordem do discurso, não do texto ou da gramática...”, isso quer dizer que para que haja autoria, a escrita deve levar em consideração a historicidade do sujeito, ela deve tratar de acontecimentos e coisas que tenham sentido, densidade, deve haver uma “caracterização mínima de objetos e lugares”, as personagens devem ter vida, motivação, relação com os elementos culturais e sociais que as cercam.

A partir da forma que o autor enuncia, de como ele escreve, ainda que recorra a outras leituras, outros textos, ele pode imprimir uma marca pessoal a sua produção, evitando a mesmice, como, por exemplo, empregando outras palavras, ou variando sua “posição enunciativa”, sem deixar “para o leitor a tarefa de julgar se se trata de uma confissão, uma admissão, etc.” (POSSENTI, 2002, p.119).

As reflexões acima, sem dúvida, foram fundamentais para orientar-nos em relação à análise pretendida. Os autores estudados, de uma forma ou de outra, trouxeram contribuições relevantes sobre a autoria que, embora nem sempre convergentes, não se excluem totalmente, algumas até se complementam, entre elas: a necessidade de unidade, organização e coerência; a assunção de uma posição-sujeito; a capacidade de reformular elementos de sua realidade; a habilidade de dar voz a outros enunciadores incorporando-os a seu discurso; de promover uma rede de relações associativas: paráfrases, comentários, alusões etc.

Em se tratando de adolescentes que, em sua maioria, ainda não desenvolveram o hábito de escrever por si só, nem criaram uma autonomia em relação às práticas sociais de leitura e escrita, investigaremos os indícios de autoria presentes em suas produções textuais, de acordo com os pressupostos teóricos apresentados e, também, seguindo as orientações de Possenti baseadas no paradigma indiciário de Ginsburg.

METODOLOGIA E ANÁLISE DO *CORPUS*

Conforme dito antes, a investigação foi feita em uma turma de sétimo ano de uma escola pública estadual de um bairro periférico da cidade de Aracaju/Se. Como a turma era grande e os alunos inquietos, resolvemos aplicar a tarefa em grupos de dois alunos, assim daríamos chance de eles conversarem sobre a proposta, discutirem entre si e trabalharem de forma colaborativa. Observamos que a motivação para trabalhar em grupo era maior do que de forma individual. Ademais, o processo de interação sempre dá margem a que os envolvidos questionem, emitam opiniões, peçam esclarecimentos, deem sugestões etc., o que é fundamental para que haja trocas, negociações, diálogos.

Sabíamos, no entanto, que investigar a questão da autoria em dupla, tornava-se mais delicado, tendo em vista que a turma era heterogênea, alguns alunos mais desenvolvidos que outros, além de que sempre há aquele que exerce maior influência sobre o outro chegando, até mesmo, a impor sua ideia, sua vontade. Mesmo assim, a opção por trabalhar em dupla foi eleita, pois o uso da linguagem, do diálogo, leva os sujeitos a se entenderem, a trocarem ideias, estabelecerem relações, mesmo que nem sempre pacíficas, enfim, a negociarem entre si e a chegarem a um acordo.

Iniciamos o trabalho por meio da leitura de narrativas infantis, uma vez que as narrativas são tipos de textos mais utilizados no cotidiano, especialmente de adolescentes que mal saíram da infância, com o objetivo de que servisse de aporte para eles produzirem suas próprias histórias. Assim observaríamos, nas produções dos discentes, a organização do texto, a inserção dos elementos como tempo, espaço, personagens, ação, a sequência dos fatos ocorridos, além das possíveis marcas de autoria que acreditávamos encontrar. Os próprios estudantes selecionaram uma obra, dentre outras da série da Editora Todolivro, intitulada “A vida na fazenda”, da autoria de Roberto Belli, em que cada volume fala de um animal, ave ou inseto encontrados no meio rural, como o coelho, a vaca, a abelha etc. O livro escolhido fala de uma abelha denominada “Julita”.

Transcrevemos aqui o texto original, conforme o do livro, que contém oito páginas ilustradas. Limitamo-nos à narrativa inicial e omitimos as ilustrações e curiosidades sobre a vida das abelhas, uma vez que o alvo específico, naquele momento, era que os discentes construíssem um texto narrativo a partir do lido.

A abelhinha Julita

No começo da primavera, quando as flores começam a se abrir, a abelhinha Julita sai para buscar o néctar. É para fazer o mel, um alimento muito nutritivo.

Julita é uma abelhinha operária.

Ela vive numa colmeia.

Julita tem milhares de amiguinhas.

Dentro da colmeia, suas amiguinhas operárias trabalham o dia todo para depositar o néctar dentro de favos de mel.

Toda feliz, Julita vai com suas amiguinhas e pousa nas flores mais lindas do campo. Ela recolhe o néctar e o pólen, que ficam bem no centro dessas flores.

(BELLI, 2014, p.3)

Podemos perceber que se trata de um texto infantil bem simples, com períodos curtos, que narra a vida e o dia a dia de Julita, uma abelha operária, acostumada aos trabalhos rotineiros da colmeia. A escolha se deveu ao fato de que, embora da sétima série, os alunos apresentavam ainda dificuldades de leitura e escrita.

Após a leitura dos livros, discussão sobre as histórias lidas e orientação sobre a estrutura das narrativas, foi proposto a dupla de discentes que produzissem uma pequena narrativa, com tema livre. Os textos foram produzidos e, posteriormente, apresentados pelas duplas de garotos. Observa-se que, no momento da produção, os discentes fazem suas escolhas realçando seu estilo pessoal, sua forma peculiar de escrever. Na forma como iniciam os parágrafos, as frases ou estruturam seus textos, fica perceptível sua intervenção no processo de produção textual. É exatamente na tentativa de comprovar esse fenômeno que se fez importante a realização da pesquisa em tela. São os escritos dos estudantes, colhidos e analisados detalhadamente que se tornam documentos comprobatórios essenciais.

Nos textos produzidos pelas duplas de alunos, pudemos encontrar alguns elementos que demonstram suas diferenças: escritas distintas que marcam seu contexto social, suas vivências, suas preferências e escolhas. Não houve, de nossa parte, a preocupação em apontar falhas ou avaliar a ortografia, o que mais importou nesses textos foi verificar seu processo de produção, além da existência de alguns indícios de autoria. Para isto, usamos categorias de análise, de acordo com os autores abordados: intertextualização; organização do texto, unidade e coerência; inserção de elementos da narrativa, tempo, espaço, personagens, ação, sequência dos fatos ocorridos, dentre outros.

A escrita dos discentes de modo algum foi alterada ou modificada, a reprodução dos textos foi fiel, exceto pelo fato de serem digitados. Em sala de aula, os textos foram escritos à mão. Como aqui não é possível analisar todas as produções da turma, tomamos, a exemplo, um texto produzido por uma das duplas:

A abelhinha mercenária

No começo da primavera, quando as flores começam a se abrir e todas as abelha operaria sai para buscar o néctar. a abelhinha Scaghietti fica na comeia descasando. Você deve ter esta achado que ela trabalha muito mas não toda vez que a primavera começa é assim ela não trabalha e quer que os pais a sustente, os pais já comunicarão ao rei e o rei já penso em uma solução ou ela trabalha ou vai ser espusa da comeia. Ela sai da comeia e vira mercenária destruidora da comeia. ela é contratada pelo inimigo da comeia antigo ai a abelhinha Scaghietti reúne a equipe e vai pra-guerra contra sua antiga casa por 5 litro de mel. Esse foi seu primeiro trabalho, ela passou 5 anos nessa vida de mercenária ai se desidiu se aposentar é viver perigosa mente feliz.

O texto acima teve como base o conto/fábula “A abelhinha Julita”, acima transcrito. A dupla de alunos fez sua leitura e, atendendo à proposta do docente, produziu um texto cujo título foi “A abelhinha mercenária”. Ao apresentar aos demais colegas sua produção, seus produtores afirmaram que foi baseada no filme de 2010, intitulado “Os Mercenários”, o qual trazia atores famosos por seus filmes de ação nos anos 80 e 90. O filme foi lançado no Brasil em agosto de 2010, dirigido por Sylvester Stallone (Rambo) e estrelado por outros atores famosos nos anos 90. Trata-se de um filme de ação em que Barney Ross (Stallone) é o líder de um grupo de mercenários, realizando qualquer missão desde que ela seja bem paga.

No texto “A abelhinha mercenária”, é perceptível a alusão que se faz a esse filme, transformando um conto inicialmente sem muita ação em uma perspectiva mais ousada, associando uma abelha a um mercenário. Sem dúvida, podemos perfeitamente identificar esse tecer de ideias entre um texto e outro, em que é perceptível a afinidade dos personagens de ambos: o filme e a produção dos alunos. Ambos se referem a *entes* gananciosos que “trabalham por dinheiro”: a abelhinha mercenária é impulsionada pelo desejo de vingança, por ter sido expulsa da colmeia e contratada pelo inimigo de seu rei para lutar contra seu antigo lar por apenas 5 litros de mel.

Observamos a intertextualidade presente na produção dos alunos, ao associarem o texto lido por eles durante a aula a uma produção cinematográfica ao escreverem o seu. Eles retornaram ao já conhecido (no caso, o (s) personagem (ns) do filme “Os mercenários”) e irromperam sobre possibilidades inovadoras conseguindo, de forma inusitada, transformar uma simples abelha operária em um inseto ambicioso que nutre sentimento de vingança contra os seus antigos companheiros de colmeia. Sem dúvida, a história se organiza de forma coerente e lógica, produzindo um efeito de sentido para os leitores. De acordo com Calil (1988), o texto ganha significado por meio das relações entre “sujeito e sentido, produzindo tensões entre os textos (intertextualização), o já-dito e suas filiações sócio historicamente determinadas”

O fato de transgredir às regras, de gostar de aventuras vai de encontro às características normalmente atribuídas a uma abelha: operária laboriosa, fiel a uma hierarquia, predestinada a exercer a mesma função durante toda a vida. A abelha protagonista dessa história, nomeada como Scaghietti, age de forma diferente de sua natureza animal, foge do convencional. Inconformada com a coletividade em que vivia, estável, rotineira, sem possibilidade de mudança de qualquer tipo, ela desobedece às leis da colmeia, rompe com sua posição de abelha operária cuja função é a de coletar o mel, e decide viver perigosamente.

A caracterização da personagem principal, seu nome, seu comportamento, até mesmo, o modo como ela decidiu viver “perigosamente feliz” denotam que os produtores do texto imprimem sua marca particular à produção, “evitando a mesmice e relacionando suas escolhas a elementos sociais e culturais que os cercam”, confirmando assim o que diz Possenti (2002). Os discentes tomaram uma posição sujeito ao decidirem criar uma personagem diferente, que altera seu modo de viver, muda sua essência ou quem ela é, tornando-se mercenária. Já a abelha rainha (no texto transformada em um inseto do gênero masculino e classificada como o rei) usa de sua autoridade real para persuadir a protagonista: ou ela trabalha ou é expulsa do seu lar sendo rejeitada por aqueles que a cercam. A abelhinha, prontamente, toma uma posição: não quer trabalhar honestamente nem ser simples operária, prefere ser uma mercenária.

No texto em análise, podemos observar, ainda, outros indícios de autoria. Há nele coerência, pois conseguimos compreender o texto como um todo, observando sua sequência narrativa, seus nexos, o que lhe confere um efeito de

unidade que é “produzido através da titulação e da nomeação das personagens” Calil (1998, p.7), tendo-se em vista que o título da história “A abelhinha mercenária” se relaciona ao nome da protagonista Scaghietti, (de origem italiana, geralmente encontrado em filmes que abordam a máfia ou mercenários), e seu comportamento condiz exatamente com a qualificação que lhe foi dada no título da história.. A personagem apresentar características humanas, ao ser apresentada como um inseto esperto, decidido e motivado pela ambição de uma vida melhor.

A produção textual demonstra a singularidade dos discentes ao relacionar as histórias, ao nomear e caracterizar os personagens; evidencia o estilo dos garotos ao transformar uma narrativa-fábula tranquila, como a da abelha Julita, em um texto cuja ação é predominante; ao demonstrar preocupação em apresentar elementos próprios da realidade em que vivem, suas preferências, suas escolhas lexicais etc. Observe-se, por exemplo, que, em um momento da narrativa, os discentes se dirigem ao leitor por meio do uso do pronome de tratamento *você*, indicando tanto uma tentativa de envolvimento com seu interlocutor, como uma antecipação e um alerta ao leitor sobre o verdadeiro caráter da abelha. É o momento de emergência do sujeito-narrador, seu ensaio de autoria.

É interessante igualmente mencionar o emprego do sufixo “inha” na palavra “abelhinha” que tanto pode denotar o diminutivo, como sugerir carinho. Neste caso, o seu emprego sugere não uma forma de carinho, mas uma certa ironia, talvez no intuito de demonstrar que, por trás de um pequeno inseto, aparentemente tranquilo, havia um ser perigoso, não apenas pelo fato de ser uma abelha que ataca quando ameaçada, mas por ela ser mercenária e nutrir sentimento de vingança.

Por todas essas características apresentadas, pudemos perceber que a “Abelhinha mercenária” nos causou a impressão de que seus autores possuíam “um mínimo de enciclopédia, de conhecimento de mundo, de outros discursos, de memória social” (POSSENTI, 2002, p.111), dando congruência aos fatos por realizarem uma série de associações e as disponibilizarem em seu texto. Eles tinham uma noção sobre a organização estrutural de uma colmeia, tinham conhecimento em relação ao sentido da palavra “mercenária”, além da memória social no que diz respeito ao trabalho e à ambição humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou mostrar indícios, ou seja, sinais que pudessem atribuir autoria a textos produzidos pelos estudantes do 7º ano do Ensino fundamental de uma escola estadual em Aracaju. Sua concretização partiu da curiosidade das autoras em saber o que se caracterizaria como autoria nessas produções discentes. Como se trata de uma turma de adolescentes, muitos com comportamentos bem infantis, esperávamos que os textos apresentassem problemas de linguagem, de estrutura, mas não tínhamos ideia do nível cognitivo dos discentes. Será que eles seriam capazes de apresentar em seus textos marcas de autoria?

Segundo Vygotsky (1987, p.65), “ a capacidade para regular as próprias ações fazendo uso de meios auxiliares atinge seu pleno desenvolvimento somente na adolescência”. Piaget, por sua vez, considera que “este pensamento reflexivo, característico do adolescente, nasce aos 11 ou 12 anos, a partir do momento em que o indivíduo é capaz de raciocinar de um modo hipotético-dedutivo, isto é, sobre simples suposições, sem a relação necessária sobre a realidade”. Com base nas afirmativas dos estudiosos citados e na análise das produções, percebemos que os discentes apresentam raciocínio, capacidade de reflexão e discernimento. Também são capazes de direcionar seus processos mentais, suas ações, contudo estão ainda no início desse processo faltando-lhes o amadurecimento desejável, tanto pelo fato de se encontrarem apenas no início da adolescência, como por lhes faltarem as condições e meios favoráveis a seu pleno desenvolvimento cognitivo.

A coleta dos textos por eles produzidos serviu para demonstrar que, ainda que elaborados em grupo, as produções apresentaram características que permitem considerar os discentes como autores desses textos. É evidente que a escrita traz elementos típicos de seu mundo sociocultural: léxico, morfossintaxe que denotam o uso de variedades da língua, além de vivências, experiências e contribuições do meio em que vivem, algumas decorrentes do senso comum, normalmente aprendidos em casa ou na rua.

Foi possível observar que tanto as condições internas, subjetivas (personalidade, comportamento, modos de expressão), quanto as condições externas (outros discursos, situações vivenciadas ou presenciadas, questões sociais, econômicas etc.), de certo influenciaram a escrita, de modo que, muitas vezes, situações pouco prováveis de acontecer na realidade se tornaram possíveis nesses

discursos. Desse modo, a análise das produções dos discentes considerou aspectos que muitas vezes passam despercebidos na leitura e/ou avaliação de textos escolares, quando se leva em conta apenas a correção ortográfica e gramatical, marginalizando questões de ordem cognitiva e estilística, de maior relevância para formação do produtor da escrita e da função-autor.

O presente trabalho procurou, portanto, mostrar uma nova forma de observar os textos produzidos em sala de aula e dar-lhes importância e valor. Tudo o que os estudantes têm a dizer tem importância para quem o forma, é carregado de sentidos os mais diversos, pois representa, reflete o contexto histórico-social que os rodeia e, principalmente, mostra que eles compreendem e, de certa forma, sofrem influência do que acontece a seu redor e, assim, manifestam suas posições-sujeito em seus textos/discursos.

REFERÊNCIAS

- BELLI, R. **A abelhinha Julita**. Coleção Vida na Fazenda. Blumenau: 2014.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Martins Fontes, São Paulo, 1997.
- BUENO, S. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2007.
- CALIL, E. **Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas**. Maceió: Edufal, 1998.
- _____. **Nas trilhas da escrita: autoria, leitura e ensino**. 2002.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2009.
- ORLANDI, E. P. (Org.). **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.
- _____. (Org.). **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Unicamp, 1988.
- PIAGET, J. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro. Fundo de Cultura, 1967.
- POSSENTI, S. Índícios de Autoria. In **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n.01, p105-124, jan./jun. 2002.

_____. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

RODRIGUES. M. B. F. Razão e sensibilidade: Reflexões em torno do Paradigma Indiciário. In **Dimensões**: Revista de História da Ufes. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, nº 17, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo. Martins Fontes, 1987

Recebido em 29 de abril de 2015 | Aprovado em 10 de junho de 2015

